

# EM CENA

ANO I

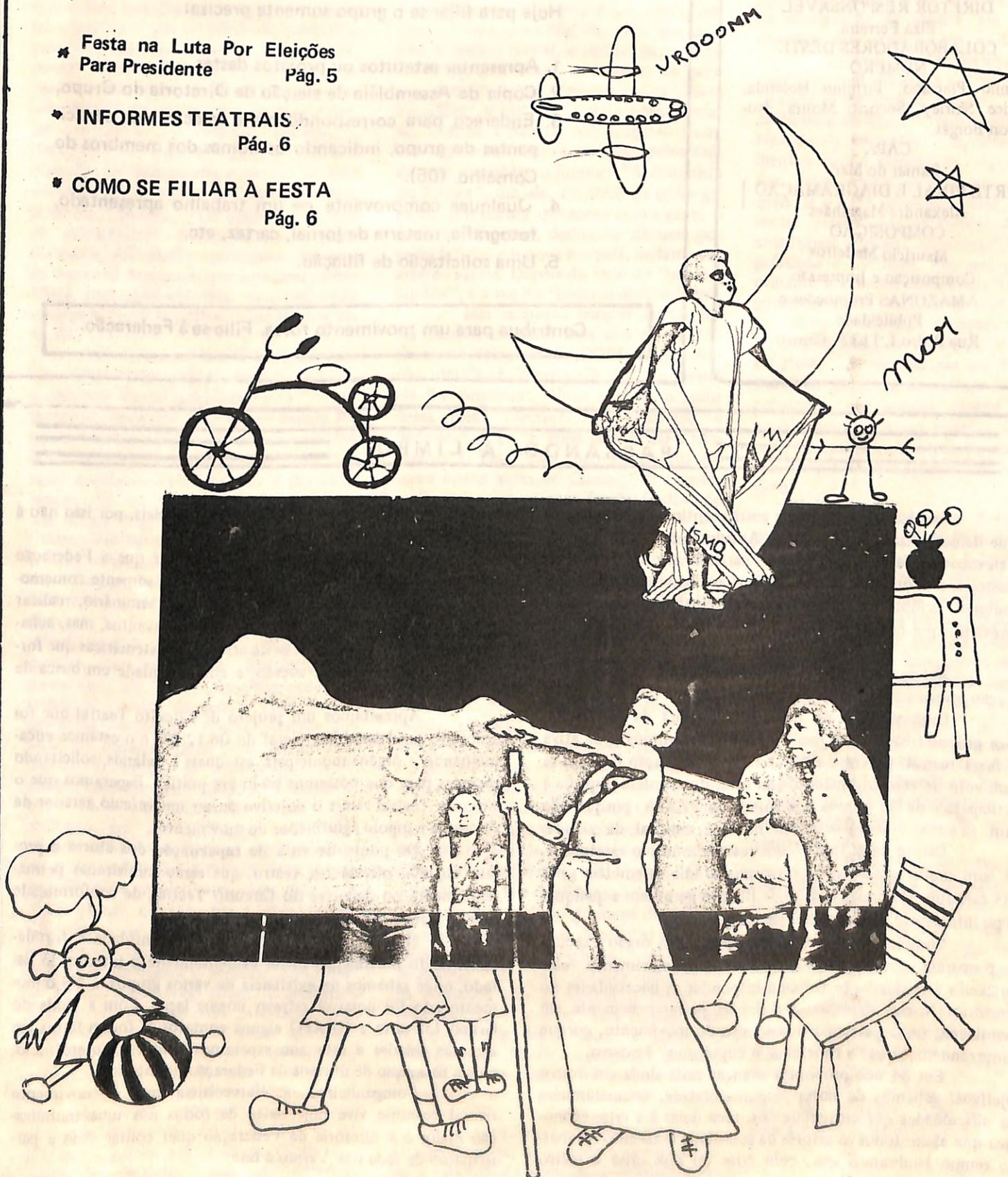
ÓRGÃO INFORMATIVO DA FEDERAÇÃO DE TEATRO AMADOR DO CEARÁ

NÚMERO ZERO

\* Festa na Luta Por Eleições  
Para Presidente Pág. 5

\* INFORMES TEATRAIS  
Pág. 6

\* COMO SE FILIAR À FESTA  
Pág. 6



RG854.1

## EXPEDIENTE

EM CENA

Orgão Informativo da Federação  
Estadual de Teatro AmadorDIRETORIA  
Ivonilson Borges  
Jane Azeredo  
Elza Ferreira  
Graças Freitas  
Paulo Marcelo  
Fernando Neri

DIRETOR RESPONSÁVEL

Elza Ferreira

COLABORADORES DESTA

NÚMERO

Ivonilo Praciano, Firmino Holanda,  
Janice Shirley, Socorro Moura, Ivonilson Borges.

CAP.

Itamar do Mar

ARTE FINAL E DIAGRAMAÇÃO

Alexandre Magalhães

COMPOSIÇÃO

Maurício Medeiros

Composição e Impressão

AMAZONAS Promoções e

Publicidade

Rua Pedro I, 1137 - Centro

## COMO SE FILIAR A FESTA

Está distante o tempo em que para filiar-se a Federação o grupo precisava ter dinheiro para cumprir uma série de exigências burocráticas. Compreendendo que esses critérios está esvaziando a Federação e enfraquecendo o movimento o estatuto da FESTA foi modificado.

Hoje para filiar-se o grupo somente precisa:

1. Apresentar estatutos ou projetos destes.
2. Cópia da Assembléia de eleição de Diretoria do Grupo.
3. Endereço para correspondência e relação dos participantes do grupo, indicando os nomes dos membros do Conselho. (05).
4. Qualquer comprovante de um trabalho apresentado, fotografia, matéria de jornal, cartaz, etc.
5. Uma solicitação de filiação.

Contribua para um movimento forte. Filie-se à Federação.

## PASSANDO A LIMPO

Aos 12 meses de nossa gestão sentimos que a proposta de democratizar a entidade dos Amadores de teatro do Ceará alcançou as bases. Essa avaliação parte de um ponto simples e concreto: o atendimento dos grupos às nossas convocatórias, resultando sempre em assembleias participativas, assim como nos eventos por nós promovidos.

Foi para nós 1983, um começar quase do zero. A Federação enquanto entidade não passava de uma sala com placa.

O movimento de teatro existia fora da Federação. Doze grupos filiados, dos quais meia dúzia continuava na ativa do fazer teatral, porém a relação com a Federação limitava-se a um voto de vem em quando. Um estatuto obsoleto impedia a participação de 30 grupos nos rumos da FESTA, porque não eram filiados, embora atuantes na vida cultural da cidade.

Diante desse fato só nos restava mudar o estatuto, e, foi com muito prazer que convocamos uma assembleia geral para esse fim. Hoje, os critérios de filiação permitem a qualquer grupo interessado fazer parte desse corpo.

Consciente de que somos apenas um órgão executivo, procuramos responder aos anseios do movimento, reorganizando a entidade de forma a responder as necessidades do momento. Nossas decisões não tiradas preferencialmente em assembleias, onde participa o conjunto do movimento, porque compreendemos que "a Panelinha, o cupulismo" é nocivo.

Em 84 nos propomos avançar mais ainda em nossos objetivos. Sabemos de nossa responsabilidade, como também das dificuldades que enfrentaremos, uma delas é a crise econômica que abate todos os setores da sociedade brasileira. Ao mesmo tempo lembramos que, com crise ou sem crise o teatro

amador nunca foi o favorito das verbas oficiais, por isso não é hora de desanimar.

Nossa preocupação maior é evitar que a Federação limite-se a promover eventos, não queremos somente comemorar o Dia Mundial do Teatro, realizar um seminário, realizar a Mostra Estadual. Não somos contra esses eventos, mas, achamos que o movimento carece de atividades sistemáticas que forcem o fortalecimento, a coesão, e combatividade em busca de um teatro popular.

Apresentamos um projeto de Circuito Teatral que foi aprovado na Assembléia Geral de 06.12.83, e o estamos encaminhando a órgãos municipais, estaduais e federais, solicitando recursos para que possamos pô-lo em prática. Esperamos que o Circuito Teatral atinja o objetivo de ser um veículo gerador de discussão e o polo aglutinador do movimento.

Do ponto de vista de capacitação dos atores o projeto engloba oficinas de teatro, que serão ministradas permanentemente no decorrer do Circuito Teatral, de conformidade com as carências do movimento.

Nossa meta de organização da entidade e fortalecimento do movimento inclui evidentemente o interior do Estado, onde sabemos da existência de vários grupos, e até o momento não foi possível estreitar nossos laços. Com a ajuda do Grupo Literarte e GRAPO alguns contatos já foram feitos em algumas cidades e este ano esperamos criar esse intercâmbio, com a formação de núcleos da Federação no interior.

Companheiros, a efervescência que o movimento teatral cearense vive hoje exige de todos nós uma mobilização maior e a diretoria da Federação quer contar com a participação de cada um. Vamos à luta.

## FIAPOS DE MANGA

GREGOS, TROIANOS, CAVALO DE PAU, CAPITÃO MARVEL, Etc.

Anos 80. Emerge uma nova geração de artistas que abomina qualquer trabalho "politicamente engajado". É a velha discussão. Dotada de uma série de preconceitos relativos ao assunto, esta turma defende-se, como pode, dos que criticam seus posicionamentos. Para ela, por exemplo, a fase de repressão braba só serviu para impulsionar a criação de caráter populista e que as coisas não foram tão pesadas assim para a cultura. Negando discursos teóricos mais aprofundados, às vezes assume posturas pseudo-irreverentes nos palcos, nas telas, etc. ou fora deles, para o deleite das cabeças imaturas, e, num rasgo de "original" gozação, adota a filosofia de quadrinhos e outros baratos colonizados. E revida o ataque inimigo, gritando "Shazam!", ou melhor, "tô sendo patrulhado!" Ressuscitando o gasto fantasma patrulheiro, protege-se no seio da maternal burguesia, que apieda-se destes filhos que alimenta (tão saudavelmente vanguardeiros!) expostos à senha dos radicais.

Certa vez, a "Isto É" (9/6/82) reuniu vários destes poetas, músicos, atores, e cineastas identificados com este "novo" momento das artes. O nível do debate foi pobre, muito aquém de outras gerações que, no passado, discutiram o fazer cultural brasileiro. Polêmica não é pra todo mundo. Se na década dos 60 floresceu um debate feito por gente como Ferreira Gullar, Vianinha, Gláuber Rocha, Flávio Rangel, Guarnieri, Boal, Zé Celso, Leandro Konder, Paulo Francis, etc., fica difícil levar a sério essa nova turma, que quer ser a última palavra no mercado, mesmo quando se nega o rótulo de vanguarda. Mas fala muito. Encobrendo a inocuidade de suas propostas, procura transferir a mira da crítica para o alvo preferido de todos: a arte política dos anos 60. Aquela época ficou sendo uma espécie de campo de provas das experiências voltadas para uma arte popular, antes e após a tomada do poder pelos militares, em 1964. Cinema Novo, Movimento de Cultura Popular (MCP) Centro de Cultura Popular (CPC, da UNE), grupos Opinião, Arena, etc., nos dão uma idéia parcial do que foi a efervescência daqueles anos. É claro estes movimentos tiveram vários erros e, por isto, estão sujeitos a discussões e revisões, como desde aquela época eram feitas. Só achamos que estes trabalhos não podem é ficar submetidos ao juízo de gente que não tem mais idade para críticas superficiais, arrochos de sabor juvenil (muito gibi na cabeça?), que mal escondem o interesse em camuflar seus próprios erros e a alienação diante do atual quadro social brasileiro. Parece até coisa de filhos saudáveis do "milagre" que não ocorreu.

Uma atriz global acha que os chamados tempos negros são como "contos da carochinha". Um colega seu, acha que o "grande triunfo" de sua geração foi a descoberta de que "não dá mais para ser um facista caseiro e gritar lá fora, fazendo arte panfletária". Diante de tal raciocínio poderíamos argumentar com outro engodo: então, o quente é ser, agora, fascista em casa e na rua? Para ele, que também é diretor teatral, o último passo dado foi comprar a "briga pra entrar na política sem entrar no discurso antigo". Sem especificar o que vêm a ser o novo discurso, anuncia outro de seus originais triunfos, algo nunca dantes navegado pelos titãs da arte engajada: o humor! "A conquista do humor", diz ele, foi coisa de nossa geração. É o humor que mexe com a gente — você ouve a coisa, desbunda, dá uma gargalhada". ... e o povo e o país, certamente, estarão salvos. Depois do mito do "homem cordial", é a vez do "homem desbundado".

Mas naqueles tempos negros, havia humor, inclusive fora dos palcos. Cena numa delegacia do DOPS; Gláuber Rocha, detida, é interrogada por um agente ele lhe pergunta: "Você conhece o autor dessa peça "Electra"? Ela: "conheço, é Sófocles". Ele: "E você sabe se ele é subversivo"? Ela: "Não, não sei porque ele viveu muito antes de Cristo..." E algo semelhante ocorreu com Isolda Cresta, do elenco daquela peça, presa após leu um manifesto contra o envio de tropas brasileiras, que apoiavam a intervenção dos EUA em São Domingos (1965). Através dela, o agente queria saber se Sófocles era soviético. Teatro histriônico de vanguarda deve ser isso aí, bicho.

Existe a tendência generalizada entre pseudo-vanguardista de querer desatrar qualquer experiência artística socialmente atuante. Certos críticos, encastelados na imprensa burguesa, cumprem a sistemática tarefa de esvaziar trabalhos de caráter popular progressista. Evocando os erros (nunca fala em acertos) que eventualmente surgiram no transcurso da árdua tarefa prática de movimentos como CPC, cinemanovismo, etc., esta crítica acredita que tais equívocos terão que repetir-se nos trabalhos similares do presente. E procura cortar as raízes dos mesmos, tachando-os de paternalistas, panfletários, populistas, etc. As análises dissociadas da realidade não escondem o ranço elitista diante do popular. Esta crítica, quase sempre, se porta como a protetora mãezinha dos fracos e oprimidos, que não podem ter sua cultura "descharacterizada", através do contato com artistas identificados com ela.

O esquema dos grandes meios de comunicação dá guarida a certos artistas e intelectuais dotados de filosofias al-

tamente suspeitas. Seja através do deboche ou do discurso mais bem elaborado, o fato é que tais idéias fazem sucesso entre setores mais desavisados da juventude. Algo mais ou menos organizado paira no ar. Fantasia? Glauber diria: "é coisa do departamento cultural da CIA!" Ou da USIA (United States Information Agency), o que dá no mesmo. Frank Shakespeare, que foi diretor desta agência, bem como da CBS, (também planejou a campanha de Nixon) dá o toque: para ele, o milagre das comunicações que dá o "livre acesso à mente das pessoas, em toda parte", possibilita à América realizar seus "objetivos por meio da competição de idéias, em lugar das pressões dos armamentos e da força".

Em seu livro "Imperialismo e Cultura", do qual tiramos a declaração acima, Octavio Ianni explica melhor: "A política cultural do imperialismo envolve a combinação de programas e agências governamentais com a atuação de empresas privadas. Estas, muitas vezes, estão associadas entre si e com empresas locais, nos diferentes países onde os governantes norte-americanos possuem interesses econômicos, políticos e militares. Em certos casos, é evidente a atuação combinada de agências governamentais, cadeias de jornais, revistas, rádio e televisão., empresas publicitárias e agências de pesquisas de mercado e opinião". E conclui que um dos objetivos dessa indústria de cultura é "produzir convicções nas pessoas, grupos e classes sociais envolvidos nas relações imperialistas". Cooptando ou cortando com aliados inconscientes, os negócios vão bem, pelo visto.

Em 82, passou por Fortaleza um grupo de poetas do Sul do País. Realizou-se um debate, a pretexto do lançamento do livro de Torquato Neto. Mas ninguém falou da obra do genial piauiense, e a ocasião serviu para que eles expusessem a tese de que toda "poesia política" feita no Brasil sempre foi um lixo; que o quente seria submeter-mos a cultura regional ao centralismo do eixo Rio-SP (leia globo - Time - life - CBC. Bloch - Abril - rolbrul), pois é lá que as coisas acontecem, etc. Falou-se também das virtudes da "poesia pura", citando-se os clássicos gregos e tal. Mas a platéia não engoliu o sapo e reagiu. Os caras não voltaram no outro dia.

E chega. Para concluir num astral mais alto, vale a pena citar Augusto Boal, sabendo que o que ele diz serve para todos os campos da arte distorcidos pelo sistema dominante: "Os que pretendem separar o teatro da política, pretendem conduzir-nos ao erro — e esta é uma atitude política. (...) Por isso, as classes dominantes permanentemente tentam apropriar-se do teatro e utilizá-lo como instrumento de dominação. Ao fazê-lo, modificam o próprio conceito do que seja "teatro". Mas o teatro pode igualmente ser uma arma de LIBERTAÇÃO.

Firmino Holanda

## HOMENAGEM A GRACINHA SOARES

Ivonilo Praciano

## ADEUS AMIGA

Quatro horas da manhã. O que é, ou o que chegã a ser quatro horas da manhã numa cidade como Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção? Para muitos chega a ser a hora exata do prazer. Para outros a hora certa para o lazer. Para alguns a hora mais gostosa da cama. Para muitos a pior hora, a de se levantar para um trabalho que não os satisfaz interiormente, nem tampouco financeiramente. Estes são os explorados pela máquina do sistema.

Mas, existem ainda outros que vivem e convivem dentro de todos estes conflitos, e que nesta quatro horas dormem em casa aos sobressaltos, pois a força maior daquele pequeno e sólido mundo está longe, num leito que não é o seu, e que por ele vários já passaram, sendo que alguns voltam ao seu mundo e tornam a dormir no seu leito, porém muitos atravessam pela fronteira determinando da vida, o seu ponto de limite máximo, passagem estreita que oferta um novo e desconhecido mundo. E é nesta quatro horas que àquela força maior, mulher viva e vida, esposa, mãe e amiga, deixa o pequeno universo que conhece e domina para se aventurar no outro cheio e pleno do desconhecido. Foi-se.

Depois da sua ida não sabemos o que dizer, lamentamos tudo o que foi para cada um de nós, sofremos pela ausência por ela deixada. Jamais poderemos ser para alguém o que para ela fomos.

talvez seja esta a dor maior. Para cada pessoa nos damos de determinada maneira e forma. Como que riríamos juntos o mesmo riso? Como que contaremos coisas, as mesmas coisas? Como que pediremos os mesmos pedidos? e como que daremos as mesmas ofertas? É assim. Lá se vai a amiga. Para onde? Nos perguntamos. Respostas, não obtemos. E corajosamente, lhe damos adeus. Uma coragem medrosa, frouxa e sem nenhum sentido. Choramos diante do seu corpo, olhamos para o seu rosto e bestialmente concluímos. Está tão bem, parece que sorri. Seu rosto não revela nenhum sofrimento. Medo. O medo que temos por saber que talvez sejamos o próximo. Não queremos. Não sabemos o que há depois da travessia. Tudo é dúvida.

E neste momento levantamos as questões da existência. É tudo tão inútil. Não dá prá compreender. Tanta coisa ainda por fazer. E o marido, os filhos, os amigos? — O marido, eles eram tão próximos, não sei como vai ser, ele não vai suportar. As filhas, ela era totalmente ligada as meninas. Como elas farão agora? Os amigos, toda a vida ela foi tão íntima. Tinha uma maneira muito especial de se relacionar, contava seus problemas, dividia-os, e ouvia com muita atenção os nossos. Vai ser difícil. Porém na ânsia habitual do ser humano, não estamos deixando nada para ela levar. Crio que deve cnegar lá com sua bagagem, senão o que terá para arrumar, para se preocupar. Não

tomemos nada dela. Deixe-na levar. Se ficarmos com tudo o que ela terá para contar. Choro silenciosamente. Continuo a dar a deus a amiga e me dou conta de como está próxima a sua última viagem. De novo são quase quatro horas. Se já não gostava dos números pares, agora muito menos, parece-me que eles levam as pessoas que nos são caras. Exagerado como sou acho que jamais conseguirei dizer o número "quatro". Talvez esta seja a sua última contagem. Quatro da manhã, quatro da tarde.

Olho, oino, querendo guardar em mim o seu momento final, sua última cena. E neste momento ela revela para todos o seu talento estupendo. Calma, bela, aguarda inerte a apoteose, o gran e final. Gostaria de poder dizer a todos o que sinto, principalmente ao marido o amigo. Porém estou igual a ela não consigo falar. O que me irrita bastante, é não poder ouvir sua bela voz, a voz mais bonita que ouvi em todos os teatros. Agora está muda, como que dizendo, falem por mim, muito, assim como eu gostava de falar. Não parem tempo. Vejam como a estrada é curta. Cheguei finalmente na porta final-início, início-final. Mas não venham logo, aviso, muito embora saiba que não depende da minha vontade. Já vou — Não suporte o Adeus, rompo um soluço, grande, amargo, sincero. Adeus amiga, talvez nos encontremos ainda para longos papos e outros espetáculos.

## UM POEMA PARA GRACINHA

Janice Shirley

Não. Não adivinhara o amanhecer que tu partirias.  
Se soubesse, e se dele dependesse a tua vida, tenho certeza, não amanheceria.  
Quando as primeira luzes foram acesas e a cortina da manhã se abriu viveste então a última cena.  
E lá se foram "Irene", "Rosa", "Elvira" e outras tantas personagens.  
Atônitos e desolados nós ficamos.  
Na memória, os árduos porém seguros caminho que trilhamos ao teu lado.  
O sol aticara cores vivas na manhã misturando-as ao teu brilho e trêlar, porque mesmo assim dorminco não combinas com escuridão.  
E não será o tempo, traçador de destinos, que apagará tua lembrança, pois continuas pelos palcos e pelas nossas vidas iluminando nossos sonhos de artistas.  
Es ainda o arlete a nos lançar em rosto as verdades da batalha, sem, contudo, nos desanimar.  
Es ainda a chama ardente que nos incendia com o fogo do fazer teatro.  
A tua ausência física dói, porém continuamos firmes sem te perder de vista, estrela branca e silenciosa.

Janice Shirley

Dois anos sem Gracinha. A luta continua. A cortina ora desce, ora sobe e o palco se ilumina ou escurece. Somos muitos a trazer no gesto e na voz um pouco do seu ensinamento, pois aquela chama que nos aticou ainda arde forte nos impelindo e nos envolvendo no fazer teatro. Sem Gracinha, o Curso de Arte Dramática sofreu um grave esfriamento. Os novos alunos talvez não saibam o que lhes falta tanto, e eu, certa de não estar cometendo nenhum engano, lhes respondendo: falta Gracinha, com seu fogo, com seu imenso poder de envolvimento. Nos palcos da cidade também ficou uma lacuna. Em que palcos Gracinha agora vive seus personagens?

Gracinha era solitária nos nossos momentos mais difíceis, era envolvente na sala de aula, contagiante e séria nas horas de trabalho e acima de tudo a própria resistência na luta pelo verdadeiro teatro no Ceará.

Falar de Gracinha, Tia Gracinha como chamávamos pelos corredores do Teatro Universitário, é muito difícil, pois todos os adjetivos reunidos ainda não definem e nem conseguem dar o real valor da atriz, educadora, amiga e sobretudo gente, Gracinha.

Socorro Moura

Gracinha Soares me contagiou a partir do momento em que pus os pés pela primeira vez no meio teatral da cidade. Sua influência como professora foi forte, mas ela marcou mais forte ainda como amiga e conselheira dos momentos difíceis. Profundamente conhecedora dos mistérios do ser humano ela tinha a palavra certa no momento certo para todos os que procuravam no Teatro Universitário, sua residência fixa de maior parte das horas do seu dia. Sua presença física se foi, mas sua essência ficou espalhada pelos quatro cantos da cidade, nos corações de todos que decidiram fazer do palco o seu campo de batalha, na luta por melhores dias.

Gracinha foi durante muitos anos a grande incentivadora do Teatro Universitário que muito perdeu com o seu desaparecimento, foram vinte anos de dedicação integral àquela casa, como atriz, professora, como gente, como força central da coisa. Hoje, decorridos dois anos de ausência o T.U., já não é o mesmo, parece frio e vazio, o próprio Curso de Arte Dramática muito empalideceu. Em mim ela deixou a arder uma forte chama que é a vontade de fazer teatro nessa terra tão sedenta de água, pão e cultura.

## PROJETO CRISTO REDENTOR

A Secretaria de Educação do MEC lançou em 1981 a Linha Programática de Educação Básica nos Diferentes Contextos Culturais do País, tendo um acompanhamento através de seus órgãos: INACEN (Instituto Nacional de Artes Cênicas), Pró-Memória, Embrafilme (Empresa Brasileira de Filmes), INL (Instituto Nacional do Livro) e outros.

Os Projetos aprovados seria executados por instituições civis como: Federação de Teatro, Sindicatos, Grupos Independentes, Associações de Bairros, e etc., e órgãos do governo, como as Secretarias de Educação (do Estado e Município) e outros.

A verba destinada a este projeto vem através do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) que tem como característica a aplicação a nível de educação básica (1o. grau).

Dos projetos no Ceará mandados ao parecer da SEC-MEC em 82 foram aprovados dois, sendo um pela Federação Estadual do Teatro Amador-Festa e o outro pela Secretaria de Cultura e Desporto do Estado.

O Projeto da Federação tem como polo de atuação a Escola Cristo Redentor e a União dos Moradores da Rua São Cura D'Ars na área do Pirambú. Iniciou-se o trabalho em junho/82 com uma atividade recreativa que os alunos encontravam-se em férias. De início a atuação do Projeto prendeu-se ao desenvolvimento de um grupo de pais nas atividades da Escola.

Sendo importante o conhecimento da cultura específica da comunidade foram colhidos dos alunos através de atividades diversas (jogos, desenhos, redações, debates, etc.) informações e/ou concepções

de vida complementando assim um quadro da vivência da Comunidade.

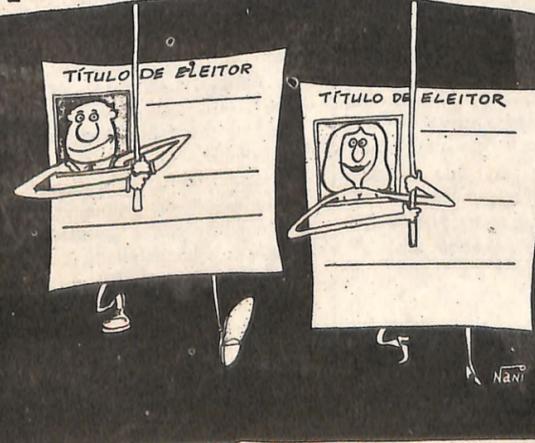
Se tratando de um trabalho experimental as descobertas se dão através de um jogo de erros e acertos, sendo assim intrínseco ao trabalho a reflexão e avaliação de cada passo dado. Como por exemplo: Na primeira fase a equipe na ânsia de descobrir o que é popular e característico da comunidade manteve-se afastada do foco principal do trabalho que é o professor. Dessa forma a 2a. fase foi iniciada com trabalhos mais dirigidos ao educador.

Reiniciamos os trabalhos em maio/83 estruturado para acompanhar todas as salas de aulas no turno da manhã. O primeiro passo foi trabalhar junto ao professor planejando quinzenalmente e na sala de aula objetivando um estreitamento de todas atividades do projeto com o plano curricular dado. Estas atividades propiciaram uma vivência por parte dos alunos do que era ensinado apenas teoricamente, por exemplo na 4a. série no momento em que se estudava sobre indústria foi feita uma visita a uma indústria do bairro onde os alunos tiveram oportunidade de contactar diretamente com a realidade do que é uma indústria (aspectos científicos e humanos). Assim as atividades de Comunicação (redação, gramática) Matemática (com as 4 operações), Estudos Sociais e Ciências (foram elaboradas a partir dos dados colhidos).

Os agenciadores desse projeto entendem que educação é um processo dinâmico, participativo e integrativo que fazem parte de um contexto vivencial.

Projeto Cristo Redentor

**QUIEREMOS VOTAR PARA PRESIDENTE!**



## FESTA NA LUTA PELAS DIRETAS

O Regime Militar que tanto mal fez ao povo Brasileiro nestes 20 anos nos atingiu duplamente: enquanto cidadão brasileiro sofremos na pele a miséria, a fome, inflação, a carestia, o desemprego e todas as mazelas que estes generais implantaram no país com o golpe militar em 64. Enquanto artistas fomos amordaçados pela censura, castrada a nossa produção, interrompido o nosso processo de crescimento, desmoroado os nossos projetos.

Resistimos a duras penas, com sensíveis perdas.

Votar para Presidente da República Hoje é o anseio de todos nós, é a reconquista de um direito nosso.

A Federação Estadual de Teatro Amador entra na luta.

DIRETAS URGENTE.

- **Grupo Reserva com novo espetáculo** - "Magoada" é o próximo espetáculo do Grupo Reserva de Teatro Amador. O texto, de Luiz Rabelo, trata do problema da seca, inserindo um novo elemento quando abordada a posição da mulher dentro do contexto. Para o grupo essa é justamente a inovação. "Da seca já se falou quase tudo e nas mais diversas óticas, porém a mulher é sempre colocada a reboque da situação da família, não se questiona a sua participação no processo de sobrevivência, não se coloca a mulher como um agente da história. Esse é um lado que o grupo tenta resgatar.
- **Da Nova Safra Teatral brotou o Semeadura** - Ao voltar do Rio, em agosto/83, o diretor teatral Guaracy Rodrigues não pensava em se engajar em nenhum grupo. Pretendia "dar força ao teatro cearense no esquema de "free-lance". Mas como homem de teatro que é, nesse propósito durou pouco. Em setembro colaborou com o Diretório Central dos Estudantes da UFC montando uma paródia sobre a (In) dependência do Brasil, os estudantes que participaram do espetáculo cobraram uma continuidade do trabalho, não deu outra, o Guaracy se animou e criou o Semeadura. Participou da Mostra Estadual de Teatro, com um espetáculo infantil. Participou do Show musical do artista Pingo. Seja bem vindo Semeadura.
- **Literate lança SS da Seca** - Firmes na proposta de teatralizar a literatura cearense o Grupo Literarte mostrou no Teatro Universitário o espetáculo "SS da Seca", adaptação do livro do poeta Rosemberg Cariry. Em sua busca de uma nova linguagem cê-

nica o grupo concebeu um espetáculo ousadíssimo que recebeu os aplausos de todos que tiveram presentes.

**Movimento Teatral recebe visita do INACEN** - esteve em Fortaleza o representante do Instituto Nacional de Artes Cênicas, Marcelo de Sousa, na reunião com a diretoria da FESTA e alguns representantes de grupos, (poucos, infelizmente) discutiu-se principalmente o auxílio montagem. Marcelo informou que essa discussão vem acontecendo em todo Brasil e as propostas e sugestões serão estudadas pela Comissão que elabora o auxílio montagem. Marcelo esteve também em Mauriti visitando o grupo de teatro daquela cidade.

**Explosão Nordestina nas Festas da Padroeira de Mauriti** - "Um grupo participou das comemorações da festa da padroeira em Mauriti. Esse fato torna-se importante significando um espaço que o teatro amador conquista no interior e a representatividade de um grupo consolida, desmentindo assim a história de que santo de casa não obra milagre.

**Uma nova padaria espiritual** - Grupo e Grita se juntam para montar o pão. A proposta não é a de mais uma peça e sim a recriação do fazer teatral. Optando pela coletivização das experiências o grupo divide-se em comissões que trabalham todos os ângulos da proposta e das discussões nasce o texto e concepções cênicas. O pão se utiliza da estrutura do reizado questionando a luta de classes no sistema capitalista, denunciando as injustiças e desigualdades embutidas nos mecanismos sociais.

## 7a. MOSTRA ESTADUAL DE TEATRO AMADOR

Quando pensamos a Mostra Estadual propunhamos um evento que reunisse os amadores cearenses em torno de suas produções, de forma que se pudesse avaliar criticamente o momento teatral que vivemos. Um acontecimento que amadurecesse a relação da diretoria com o movimento, após um esfacelamento de dois anos.

Era fundamental que esse reencontro fosse marcado por um clima de amizade. Não se estava ali para julgar nenhum trabalho, a Mostra não era uma competição, ao contrário, buscávamos uma interação. Os debates após os espetáculos tinham por princípio o crescimento do grupo, o amadurecimento do trabalho, da proposta de cada um.

Outro aspecto positivo da Mostra que deve ser ressaltado é o caráter amplo que lhe foi dado, com a participação de dezoito grupos de bairros, centro e interior do estado, abrindo uma discussão sobre o fazer teatral que efetivamente representa a nossa província.

Posto em debate o nível dos trabalhos, durante avaliação com os grupos em 06.12.83, viu-se que, para um movi-

mento que se reestrutura a qualidade dos espetáculos pode ser considerada boa, levando-se em conta que é inicial, que a partir daí precisa ser consolidado. As falhas técnicas dos trabalhos são o reflexo das condições em que se faz teatro aqui. E no âmbito geral reflete a política cultural do governo. Que meios os amadores do Ceará dispõem para capacitar-se, a não ser os próprios esforços, que ajuda oficial a Festa ou os grupos recebem?

Por essas e outras é que o teatro amador precisa cumprir a função de um instrumento questionador do mundo que vivemos a contribuir para uma transformação. Essa compreensão esteve presente em todas as montagens. Nos textos apresentados sentimos a preocupação dos grupos com a problemática social, e a busca de uma mudança.

Evidentemente a Mostra não foi perfeita, teve seus furos, seus erros, que devem ser computados tanto quanto os acertos. Faltou um aprofundamento nas críticas, embora se percebesse a abertura dos grupos e a disposição de discutir os trabalhos, havia um receio da platéia,

talvez por ser uma prática nova, vinha o medo de ofender, de milindrar. É um ponto que precisa ser superado, as críticas objetivam ajudar no processo de amadurecimento.

A divulgação da Mostra foi profundamente precária, apesar de não ter faltado público, mas ficou muito restrito a classe teatral e universitários, poderia ter atingido melhor a comunidade, sobretudo se considerarmos os problemas abordados, como a seca, a violência etc, teria sido importante uma participação maior de outros segmentos da sociedade.

Bastante falho a organização das Mesas Redondas. Os grupos estavam todos preocupados com a montagem de seus trabalhos, principalmente os que estrearam na Mostra, resultando no esvaziamento dos debates, o que consideramos muito negativo, nosso compromisso não deve se limitar ao ato de fazer teatro, mas também com as bases que geram esse fazer teatral.

Dos erros e acertos subtrai-se as lições para um avanço maior. Que a 8a. Mostra Estadual em 84, prove isso.